



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8

Visões do Mundo e da Nação: jovens cabo-verdianos face à história



ROSA CABECINHAS, SILVINO ÉVORA

Universidade do Minho ~ cabecinhas@ics.uminho.pt

Resumo:

Neste artigo apresentamos os resultados preliminares de uma investigação empírica sobre identidade e representações da história que decorreu em Cabo Verde. Esta investigação foi realizada no âmbito de um projecto internacional que integra vários países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Este projecto tem como objectivo identificar as representações da história construídas pelos jovens dos países lusófonos e o papel da identidade social na ancoragem dessas representações.

Os resultados destes estudos serão usados para ilustrar a conceptualização das representações sociais como uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, cujos processos de formação, manutenção e mudança só podem ser entendidos tendo em conta os processos comunicativos, mediáticos e informais, a partir dos quais os indivíduos constroem a sua visão do mundo.

Iremos examinar as representações de jovens cabo-verdianos sobre a história da humanidade, em geral, e sobre a história de Cabo Verde, em particular. Investigaremos ainda o papel da identidade social e as emoções associadas às personalidades e aos acontecimentos considerados mais marcantes na história da humanidade e na história da nação cabo-verdiana.

Palavras-chave:

Representações sociais, memória social, identidade nacional

1 Introdução

Neste artigo, apresentamos os resultados preliminares de uma investigação empírica realizada em Cabo Verde sobre identidade social e representações da história. Esta pesquisa contou com a participação de 121 jovens cabo-verdianos, tendo sido realizada no âmbito de um projecto internacional que integra vários países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

O modo como cada nação representa a sua história é fundamental na definição da sua identidade. A forma como cada nação interpreta o seu passado, determina o seu posicionamento no presente e as suas estratégias para o futuro. Essas estratégias definem não só as relações entre grupos dentro de cada nação como as relações de cada nação com as outras nações e com os grupos supranacionais (por exemplo: União Europeia, União Africana, Comunidade de Países de Língua Portuguesa).

No caso específico de Cabo Verde, a sua história está intimamente ligada à história de Portugal e à dos restantes Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Portugal, os cinco PALOP, o Brasil e Timor-Leste fazem parte de uma estrutura supranacional baseada na partilha de uma história e língua comuns, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). A criação

desta comunidade em 1996 correspondeu ao reconhecimento da longa relação histórica que une os oito países que a constituem (a adesão de Timor Leste ocorreu em 2002, logo após a restauração da independência) e o desejo de manutenção dessa relação, embora em novos moldes: a relação colonial foi substituída por uma relação pós-colonial, assente em princípios de 'cooperação' e 'solidariedade', tendo como objectivos fundamentais a 'difusão e enriquecimento da Língua Portuguesa' e a preservação de 'um vínculo histórico e um património comum resultantes de uma convivência multissecular' (Declaração Constitutiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 17 de Julho de 1996: www.cplp.org).

Mas que imagens têm os jovens cabo-verdianos desse passado? De que forma os conflitos que opuseram Portugal e Cabo Verde são recordados pelos jovens nascidos no pós-25 de Abril, que não tiveram qualquer experiência directa do período colonial? Quais os *heróis* e os *vilões* que são recordados na história de Cabo Verde e na história da humanidade? Será que quando pensam na história da humanidade os jovens cabo-verdianos de hoje evocam espontaneamente acontecimentos que marcaram o 'espaço geograficamente descontínuo mas identificado pelo idioma comum' (CPLP; 17 de Julho de 1996), que habitualmente designamos como 'espaço lusófono'? Estas e outras questões orientaram este trabalho de investigação. Neste artigo, são apresentados os resultados da fase exploratória realizada em Cabo Verde. A comparação dos dados recolhidos em Cabo Verde com os obtidos em estudos anteriores, recorrendo à mesma metodologia, realizados no Brasil, Portugal e Timor-Leste parece-nos particularmente interessante (e.g., Cabecinhas, 2006; Cabecinhas, Lima e Chaves, 2006).

As representações sociais constituem uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, contribuindo para a percepção de uma realidade comum a um determinado grupo social. A vasta investigação desenvolvida nas últimas décadas sobre os processos de formação, manutenção e mudança das representações sociais (e.g. Jodelet, 1989; Moscovici, 1998) tem contribuído para o reconhecimento da importância da comunicação interpessoal e intergrupala na forma como determinado grupo constrói uma dada visão da realidade.

Serge Moscovici estabeleceu a distinção entre três tipos de representações sociais. As representações *hegemónicas* são partilhadas pelos membros de um grupo altamente estruturado, prevalecendo implicitamente em todas as práticas simbólicas desse grupo. As representações *emancipadas* correspondem ao produto da cooperação entre grupos que estão em contacto mais ou menos próximo. Finalmente, as representações *polémicas* são geradas no decurso de um conflito entre grupos, não sendo partilhadas pela sociedade no seu conjunto (1988: 221-222).

Para compreender o conteúdo de uma representação é necessário ter em conta o contexto social envolvente. A estrutura social é caracterizada por assimetrias de poder e de estatuto, onde determinados grupos são dominantes e outros dominados (e.g., Bourdieu, 1979; Lorenzi-Cioldi, 2002). Assim, é necessário ter em conta a relação entre as representações sociais e as configurações culturais dominantes, por um lado, e os movimentos sociais, por outro.

Os meios de comunicação social contribuem para a consensualidade alargada de algumas representações sociais, isto é, para o seu carácter hegemónico (Vala, 2000). Na fabricação dessa hegemonia, destaca-se o papel da televisão. No entanto, os meios de comunicação social podem ser também excelentes instrumentos para as 'vozes minoritárias', permitindo a difusão de representações polémicas e contribuindo assim para a mudança social.

Na avaliação da capacidade dos meios de comunicação social na criação de um consenso alargado das representações sociais, não é possível ignorar os fluxos de informação, a nível global, as desigualdades na distribuição entre o Centro e a Periferia e o papel da própria imprensa na construção e no fortalecimento da cultura dominante. As transformações de ordem técnica que se registaram ao longo do percurso da humanidade marcaram decisivamente o rumo da comunicação

social. Com a Revolução Industrial, verificaram-se transformações nos domínios sociais, económicos, políticos, científicos, culturais e tecnológicos, contribuindo para a afirmação do sector da imprensa, que passou a ter um papel decisivo na elaboração de consensos sociais e na construção da cultura dominante.

Este cenário, muito marcante no decorrer do século XIX, veio estimular o início da pesquisa sobre a comunicação social que, logo a seguir aos estudos sobre os efeitos – nas primeiras décadas do século XX –, motivou o aparecimento da Escola de Frankfurt, que começou a interrogar a industrialização da cultura, da arte, da informação e dos outros produtos mediáticos e culturais. Isto, quando se tornou visível que a convergência de factores de ordem política, tecnológica, social e económica impulsionava a multiplicação de equipamentos mediáticos, dos seus respectivos suportes e dos aparatos tecnológicos. O cenário descrito transporta-nos para uma sociedade em que a informação circula em quantidade e em velocidade incomparavelmente superiores às das gerações anteriores. Porém, a informação não circula de forma equilibrada, consentindo uma visão de supremacia da cultura das regiões economicamente mais sustentáveis, tornando-a dominante, e afastando as zonas periféricas do circuito global da informação.

O fluxo desigual da informação internacional foi tema para infindáveis debates sobre as assimetrias Norte/Sul. Nos anos 70 foi discutida uma proposta para a criação de uma Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação (NOMIC), cujo debate contou com o impulso da UNESCO e do Movimento dos Países Não-Alinhados, que se empenharam na luta por um fluxo livre e equilibrado da informação internacional (Sousa, 2003).

O debate promovido pela UNESCO sobre a NOMIC valeu-lhe a retirada dos Estados Unidos da América, que, com eles, levaram uma parte significativa da verba que sustentava aquela agência cultural das Nações Unidas. Ainda assim, este debate ajudou a criar fluxos alternativos de irrupção noticiosa para a África, as Caraíbas e a América Latina, que não conseguiram inverter o fluxo desequilibrado de informação entre os países ricos e o chamado Terceiro Mundo.

No centro do debate Norte/Sul para o sector dos *media*, posiciona-se, com grande destaque, o célebre Relatório MacBride (1980), que foi um importante mecanismo de luta ideológica para os defensores da NOMIC. As assimetrias Norte/Sul alimentavam toda a polémica à volta da ‘nova ordem informativa’ e alinhavam, muitos autores, no debate sobre a dependência da Periferia em relação ao Centro (e.g., Martins, 1995; Harnecker e Uribe, 1977). Esta dependência desdobrava-se em múltiplas ‘sub-dependências’, abrangendo as ordens económica, política e tecnológica. Este conjunto de dependências acaba por criar um ‘sufoco cultural’ nos países pobres, sendo que a cultura nacional é constantemente ‘agredida’ pela indústria cultural, que se tenta impor à força, contando, para isso, com os aparatos tecnológicos, a capacidade de sedução da publicidade, a atractividade do multimédia e a permeabilidade social dos meios de comunicação de massa.

Vários autores efectuaram contribuições significativas para o debate sobre esta questão (e.g., Galtung, 1971; Tomlinson, 1991). Por exemplo, Tunstall (1977) considera o Imperialismo Cultural como a ‘arma’ que sufoca a cultura autêntica e tradicional com ‘grandes quantidades de lixos comerciais e de produtos mediáticos dos Estados Unidos’ (citado por Sousa, 2003: 19). Esta desigualdade que se regista entre o Centro e a Periferia é de capital importância para a compreensão das representações sociais, sobretudo nos países pobres, sem grande capacidade de produção mediática, cinematográfica e audiovisual. Sendo os *media*, instrumentos importantes na construção social e cultural dos indivíduos, é importante ter em consideração que, quando estão ‘colonizados’ pela indústria cultural, dominada sobretudo pela capacidade produtiva das mega-empresas, sedeadas nos países de economia avançada, com ramificações um pouco por todo o mundo, as televisões e as restantes estruturas comunicativas dos países pobres tendem a reproduzir produtos ‘contaminados pelas faíscas industriais’ (Évora, 2006).

Em virtude da dependência dos *media* sediados nos países em vias de desenvolvimento da produção mediática e cultural do chamado Primeiro Mundo, a construção das representações sociais, nesses países periféricos, é fortemente influenciada por símbolos culturais provenientes de outros contextos, que são apresentados, mundialmente, como algo familiar.

As representações sociais constituem um conceito fundamental para entender o modo como a história é recordada ou esquecida pelos indivíduos em função das suas pertenças sociais e dos seus padrões de identificação com essas pertenças. O estudo das representações sociais da história pode ajudar-nos a compreender porque é que cada país reage de maneira diferente aos mesmos acontecimentos históricos.

Na nossa perspectiva, a memória é um processo social, uma vez que depende das pertenças e redes sociais dos indivíduos. De facto, recordar algo corresponde sempre a um processo de reconstrução selectivo e parcial, dependente de aspectos de ordem cognitiva, motivacional e estrutural. Reconhecer o carácter social da memória não implica pressupor uma uniformidade nas recordações, já que cada indivíduo é activo no processamento da informação.

O indivíduo recorda e representa a realidade através da linguagem – elo fundamental da relação entre o indivíduo e a sociedade. Nos seus trabalhos sobre memória social, Halbwachs (1925/1994, 1950/1997) salientou a necessidade de considerar duas coordenadas fundamentais: o *tempo* e o *espaço*. Os ‘quadros colectivos da memória’ são os instrumentos dos quais a memória colectiva se serve para reconstruir uma imagem do passado em consonância com as ideologias dominantes da sociedade, num determinado momento histórico.

Por seu turno, Paul Connerton (1989/1993) salientou a importância da dimensão narrativa na construção da memória social. Segundo o autor, as histórias circulam e são partilhadas num dado grupo através das práticas sociais - a *comemoração*, o *ritual*, a *tradição* - práticas essas que representam e projectam a identidade social do grupo. Uma vez que as imagens do passado geralmente legitimam uma dada ordem social presente, a memória social pode ser conceptualizada como um ‘campo de disputa’ onde o exercício do poder passa pela capacidade de definir o que deve ser esquecido e o que deve ser recordado (Cunha, 2006). As comemorações e os rituais garantem que um dado acontecimento não vai ser esquecido, ano após ano, década após década, século após século...

Resumindo, a memória é um produto socialmente construído, que reflecte as pertenças sociais dos indivíduos assim como as suas trajectórias pessoais. Neste sentido, a teoria das representações sociais constitui uma ferramenta fundamental para compreender como as memórias históricas são construídas, como são partilhadas e quais as suas funções políticas e ideológicas (Liu e Hilton, 2005).

Percepções da história em Cabo Verde: estudo exploratório

Como foi anteriormente referido, neste artigo examinamos os resultados de um inquérito realizado junto de jovens em Cabo Verde. Embora tratando-se de um trabalho sobre as ‘percepções da história’ e não sobre História propriamente dita, parece-nos conveniente abrir um parêntesis, com uma brevíssima contextualização histórica. Uma vez que a história de Cabo Verde está intimamente relacionada com a história de Portugal, vamos, num primeiro momento, verificar a forma como cada um dos dois países relata a sua história nacional, nas respectivas páginas oficiais na Internet.

Na secção sobre História no Portal do Governo de Cabo Verde, pode ler-se o seguinte:

‘As ilhas de Cabo Verde foram descobertas por navegadores portugueses em Maio de 1460, sem indícios de presença humana anterior. Santiago foi a ilha mais favorável para a ocupação e assim o povoamento começa ali em 1462. Dada a sua posição estratégica, nas rotas que ligavam entre si a Europa, a África e o Brasil, as ilhas serviram de entreposto comercial e de

aprovisionamento, com particular destaque no tráfego de escravos. Cedo, o arquipélago tornou-se num centro de concentração e dispersão de homens, plantas e animais. Com a abolição do comércio de escravos e a constante deterioração das condições climáticas, Cabo Verde entrou em decadência e passou a viver com base numa economia pobre, de subsistência. Europeus livres e escravos da costa africana fundiram-se num só povo, o cabo-verdiano, com uma forma de estar e viver muito própria e o crioulo emergiu como idioma da comunidade maioritariamente mestiça.

Em 1956, Amílcar Cabral criou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), lutando contra o colonialismo e iniciando uma marcha para a independência. A 19 de Dezembro de 1974 foi assinado um acordo entre o PAIGC e Portugal, instaurando-se um governo de transição em Cabo Verde. Este mesmo Governo preparou as eleições para uma Assembleia Nacional Popular que em 5 de Julho de 1975 proclamou a independência. A demarcação cultural em relação a Portugal e a divulgação de ideias nacionalistas conduziram à independência do arquipélago em Julho de 1975. Em 1991, na sequência das primeiras eleições pluripartidárias realizadas no país, foi instituída uma democracia parlamentar com todas as instituições de uma democracia moderna. Hoje Cabo Verde é um país com estabilidade e paz sociais, pelo que goza de crédito junto de governos, empresas e instituições financeiras internacionais' (<http://www.governo.cv>; consultado a 20/06/2007).

Constatamos, assim, que a história de Cabo Verde é relatada como sendo caracterizada por dois momentos fundamentais: o primeiro momento congrega a descoberta do arquipélago pelos portugueses, o povoamento do território e a colonização; a segunda etapa integra a conquista da independência e o período pós-colonial, caracterizado pela 'demarcação cultural em relação a Portugal'. Este segundo momento, em resumo, circunscreve-se na valorização da identidade e cultura nacionais e afirmação dos valores da liberdade. Estes valores motivaram décadas de conflitos, desencadeados a partir da Guiné-Bissau, e começaram a edificar-se com a independência alcançada em Julho de 1975. A partir daí, houve um novo sinal político em querer alargar a esfera dos direitos à liberdade, sobretudo com a abertura política, a afirmação dos direitos fundamentais, a restituição política dos direitos relativos à liberdade de opinião e o atravessar de uma ponte que liga a democracia revolucionária, de tendência regressista e dolente, para uma democracia multipartidária, aberta ao comércio livre, ao capital estrangeiro, à opinião pública e ao escrutínio das posições políticas.

A demarcação cultural em relação a Portugal acontece em convergência com a afirmação do conceito de 'cabo-verdianidade', que supostamente encerra as características genuínas do ser cabo-verdiano: um povo das ilhas, habituado a viver a orlas do oceano atlântico, a deixar o arquipélago atrás de outros mundos, a cultivar o hábito de enfrentar a dúvida e as intempéries da natureza, a contornar a seca e a construir a vida a partir do vazio; por outro lado, um povo rico em termos culturais, que ama a morna, dança funaná e batuque, vive tabanka e finaçon, canta as ilhas, chora com o mar e luta com tenacidade para construir o futuro dos filhos a partir das incertezas.

Em contrapartida, na secção de História do Portal do Governo da República Portuguesa (<http://www.portugal.gov.pt>; consultado a 20 de Junho de 2007) é dado considerável destaque ao período dos descobrimentos e à expansão portuguesa, que se traduziram na formação do império colonial. Referem-se as rotas portuguesas no Atlântico (destacando-se a descoberta das ilhas dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, e do Brasil), mas não há qualquer referência explícita a Cabo Verde.

Nas páginas oficiais de ambos os países, o ano de 1974 é apresentado como o momento de viragem, que assinala o *antes* e o *depois* na vida de Portugal e das suas ex-colónias. De facto, o 25 de Abril de 1974 representa não só o fim da ditadura em Portugal, mas também o fim do império colonial. Nesse sentido, trata-se de um acontecimento com implicações na definição das fronteiras

nacionais de vários países, entre os quais Cabo Verde. O 25 de Abril provocou profundas mudanças na política interna e externa portuguesa. As negociações para o reconhecimento da independência das diversas ex-colónias africanas começaram de imediato. A independência de Cabo Verde foi proclamada a 5 de Julho de 1975.

Uma vez efectuado este breve enquadramento, vamos agora apresentar os procedimentos metodológicos e os resultados do estudo exploratório efectuado em Cabo Verde. Iremos examinar as percepções dos jovens sobre a história mundial, em geral, e a história nacional de Cabo Verde, em particular.

Quando nos debruçamos sobre grupos nacionais, é necessário ter em conta que cada grupo é heterogéneo, sendo constituído por uma grande diversidade de indivíduos, com diferentes percursos e experiências de vida e pertencendo a grupos com diferentes posicionamentos na estrutura social. Por limitações de vária ordem, neste artigo debruçamo-nos apenas sobre as percepções de jovens estudantes. Alertamos desde já que o nosso objectivo não é generalizar os resultados à população em geral, mas analisar as percepções destes jovens, em particular, sabendo que são o fruto de um determinado *tempo e espaço*.

Os dados foram recolhidos na Ilha de Santiago, que por ser a maior do país e a que dá mais oportunidade de emprego, alberga jovens de todas as outras ilhas. Por isso, o questionário não foi preenchido unicamente por jovens da Ilha de Santiago. Foi aplicado entre os meses de Fevereiro a Abril de 2007, tendo abrangido 121 jovens estudantes (idade média = 22 anos), 57 do sexo feminino e 64 do sexo masculino. Todos os participantes declararam como língua materna o crioulo e a grande maioria dos inquiridos referiu o português como segunda língua (97,5%). Foram ainda referidas outras línguas, embora com percentagens inferiores: francês (39,7%) e o inglês (17,4%). O questionário estava redigido em português. Nenhum dos inquiridos manifestou qualquer dificuldade na compreensão das questões e todos responderam em português, pelo que consideramos que a língua usada no questionário não afectou a qualidade das respostas dos inquiridos.

A aplicação do questionário foi efectuada por uma docente cabo-verdiana¹. Tal como nos estudos realizados previamente nos outros países, os jovens foram convidados a participar numa investigação internacional sobre história. A página de rosto do questionário explicava aos participantes que o que interessava neste estudo era a sua *opinião* pessoal sobre a história e não o seu nível de conhecimentos.

Na primeira parte do questionário, eram colocadas questões sobre a história da humanidade nos últimos mil anos² e na segunda parte as questões reportavam-se à história nacional de Cabo Verde. As questões da terceira parte eram relativas aos níveis de identificação (nacional, regional, religiosa, etc.), terminando o questionário com questões de caracterização sociodemográfica. Apresentada a estrutura do questionário, vamos agora referir mais pormenorizadamente as questões colocadas em cada uma das partes.

História universal. Na primeira parte do questionário pedia-se aos participantes para listarem os '5 acontecimentos' que consideravam mais relevantes na história da humanidade. Uma vez efectuada a listagem, os participantes deveriam avaliar o impacto de cada um desses acontecimentos na história da humanidade e finalmente deveriam indicar as emoções que associavam a cada acontecimento. Em seguida, solicitava-se aos participantes para listarem as '5 personalidades' que consideravam terem sido mais relevantes na história da humanidade. Uma vez efectuada a listagem,

¹ Agradecemos a Ana Maria Lopes Évora a sua colaboração na recolha de dados. Agradecemos igualmente a todos os jovens cabo-verdianos que participaram voluntariamente neste estudo.

² A primeira parte do questionário foi construída de forma a permitir a comparação com os dados recolhidos noutros estudos internacionais, nomeadamente os de Liu e colaboradores (Liu et al., 2005).

os participantes deveriam avaliar o impacto de cada uma das personalidades na história da humanidade e, finalmente, indicar as emoções que associavam com cada personalidade.

História nacional. Na segunda parte do questionário, as questões eram idênticas à primeira parte, mas desta vez relativas aos '5 acontecimentos' e às '5 personalidades' da história de Cabo Verde. Uma vez evocados 5 acontecimentos nacionais os participantes deveriam avaliar o seu impacto na história nacional e indicar as emoções associadas a cada acontecimento, seguindo-se a evocação de 5 personalidades nacionais, a avaliação do seu impacto e as emoções suscitadas por cada personalidade.

De salientar que a evocação de acontecimentos e de personalidades era completamente livre, já que não era fornecida qualquer listagem prévia aos participantes. As emoções relativas aos acontecimentos e personalidades foram também recolhidas de forma aberta. Já os níveis de impacto dos acontecimentos e das personalidades foram medidos através de escalas tipo Lickert de 7 pontos (1=muito negativo; 7=muito positivo).

Níveis de identificação. Na terceira parte eram medidos os níveis de identificação do participante com diversos grupos. Foram medidos os níveis de identificação não só com os grupos de pertença dos participantes, mas também com outros grupos de comparação considerados relevantes no âmbito deste estudo. Os níveis de identificação foram medidos através de escalas tipo Lickert de 7 pontos (1=nada identificado; 7=muito identificado).

Caracterização sociodemográfica. Finalmente foram colocadas questões sociodemográficas, como o sexo, idade, nacionalidade e naturalidade dos participantes, nacionalidade e naturalidade dos pais dos participantes, a língua materna e outras línguas faladas, e finalmente, os países que os participantes visitaram ou em que residiram e por quanto tempo.

Nas páginas seguintes, iremos apresentar e discutir sumariamente os resultados obtidos no que respeita às percepções da história. Trata-se de uma primeira análise meramente descritiva e, como já referimos, sem pretensões de generalização.

Por limitações de espaço, nas tabelas de resultados estão indicados apenas os dez acontecimentos ou personalidades considerados mais importantes (*Top 10*) pelo conjunto dos inquiridos. No entanto, sempre que se justifique, faremos referência ao longo do texto a outros acontecimentos ou personalidades evocados. De referir ainda que nas tabelas apresentamos as percentagens de evocação global de cada acontecimento ou personalidade, agrupando os dados das cinco evocações efectuadas por cada participante³.

Percepções da História Mundial

A Tabela 1 apresenta os dez acontecimentos da história mundial mais referidos pelos jovens cabo-verdianos. Como podemos constatar, as guerras e conflitos internacionais são os acontecimentos mais evocados: o destaque vai para a II Guerra Mundial (62,81%) e a I Guerra Mundial (57,02%). Apesar do questionário remeter para os últimos mil anos da história universal, acontecimentos muito recentes, como os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 (41,32%) e a Guerra do Iraque (15,70%) obtiveram considerável destaque. Este padrão de resultados é muito semelhante ao obtido nos estudos prévios realizados no Brasil e em Portugal (Cabecinhas, Lima e

³ Recordamos que o questionário solicitava cinco evocações para cada questão: cinco acontecimentos mundiais, cinco personalidades mundiais, cinco acontecimentos nacionais e cinco personalidades nacionais.

Chaves, 2006). Para além do 11 de Setembro de 2001, uma parte considerável dos jovens (8,26%) menciona o 'terrorismo' em geral como um dos grandes acontecimentos na história da humanidade. Este padrão assemelha-se ao obtido em Timor-Leste (Cabecinhas, 2006), embora as referências ao terrorismo sejam aqui mais baixas em termos percentuais. Para o grande destaque do terrorismo contribuíram factores de ordem emocional e cognitiva: a recência dos acontecimentos e a sua permanente reatualização nos *media*.

Outros acontecimentos recentes, como o 'tsunami asiático' (14,05%), a morte de João Paulo II (4,96%) e a morte de Saddam Hussein (4,95%) também obtiveram notoriedade, tal como se verificou em estudos recentemente realizados em outros países (Liu *et al.*, 2007). Resumindo, como se pode observar a influência da globalização e dos meios de comunicação de massa é muito evidente nos resultados.

Ordem	Acontecimento	%	Impacto
1	II Guerra Mundial	62,81	1,22
2	I Guerra Mundial	57,02	1,70
3	11 de Setembro de 2001	41,32	1,31
4	Revolução industrial	19,01	6,42
5	Abolição da Escravatura	18,18	6,95
6	Guerra Iraque	15,70	1,46
7	Queda do Muro Berlim	15,70	4,85
8	Tsunami Asiático 2004	14,05	1,27
9	Descobrimientos Portugueses	12,40	6,20
10	Fim do Colonialismo	12,40	6,80
10	Independência de Cabo Verde	12,40	6,56

Tabela 1 - História Universal: os acontecimentos mais referidos

Nota: %=percentagem de evocação espontânea. Escala de impacto: 1= muito negativo; 7 = muito positivo.

Apesar das convergências de resultados obtidos em Cabo Verde e os obtidos noutros países do mundo, as pertenças nacionais desempenham importante papel na evocação dos acontecimentos da história universal. Como podemos observar, os jovens cabo-verdianos colocam acontecimentos da sua história nacional como sendo importantes para a história universal, à semelhança do que se tem verificado noutros estudos (Liu *et al.*, 2005).

Os cabo-verdianos destacam a 'abolição da escravatura' (18,18%), os 'descobrimientos portugueses' (12,40%), o 'fim do colonialismo' (10,74%) e a 'independência de Cabo Verde' (10,74%) como grandes acontecimentos mundiais. Embora com menores percentagens de evocação, são ainda referidos com destaque a 'descoberta de Cabo Verde' (6,61%) e a morte de Amílcar Cabral (4,13%). Este padrão de resultados é semelhante ao obtido no Brasil (Estado da Bahia), onde a abolição da escravatura foi também considerada como um dos maiores acontecimentos mundiais (Cabecinhas *et al.*, 2006).

Também os portugueses, e em menor grau, os brasileiros e os timorenses consideraram os 'descobrimientos portugueses' como um grande acontecimento mundial (Cabecinhas *et al.*, 2006). Também nesses países, os acontecimentos que marcaram a definição das fronteiras foram referidos como importantes para a história mundial: os portugueses referem a 'fundação de Portugal' e a 'restauração da independência'; os brasileiros a 'independência do Brasil', os timorenses a 'independência de Timor'.

Assim, os cabo-verdianos destacam três acontecimentos relativos à sua história nacional no *Top10* da história universal. Em todos os casos se trata de acontecimentos que envolvem não só a história de Cabo Verde, mas também a história de outros grupos nacionais, como por exemplo, o processo de descolonização que se seguiu ao 25 de Abril, como já salientámos anteriormente.

Se dividirmos a história de Cabo Verde em dois grandes momentos, o período Colonial e o período Pós-Colonial, podemos verificar que os acontecimentos referenciados como importantes na história da humanidade, tendo o arquipélago como um dos actores envolventes, enquadram-se todos no período Colonial, o que demonstra o quão marcante o colonialismo foi para a memória colectiva cabo-verdiana. Em certa medida, o ensino nacional contribui para preservar a memória do passado colonialista que o país atravessou. Não havendo disciplinas de história cabo-verdiana e africana nos currículos do ensino básico e secundário do país, recai sobre os professores da disciplina de História a responsabilidade de, em algumas lições, transmitir informações sobre o passado do continente, do arquipélago e dos seus povos. A disciplina de Cultura Cabo-verdiana, recentemente introduzida no programa do ensino secundário em Cabo Verde, tem procurado subtrair algumas lacunas na construção do conhecimento sobre a realidade histórica e social do país e do povo cabo-verdiano.

Tal como nos resultados encontrados noutros países (Liu *et al*, 2005), em Cabo Verde verifica-se uma predominância de eventos políticos face a outro tipo de eventos (científicos, ambientais, etc.). No entanto, no que respeita aos grandes grupos temáticos registam-se algumas assimetrias: os acontecimentos ligados a questões humanitárias (por exemplo: abolição da escravatura) são mais destacados pelos cabo-verdianos. As questões relativas à saúde pública (por exemplo, HIV/SIDA: 6%) e aos desastres naturais (por exemplo, tsunami asiático: 14%) também são mais referidas pelos cabo-verdianos. Neste sentido, o padrão de resposta observado em Cabo Verde assemelha-se mais ao observado noutros países do Sul (Timor Leste, Indonésia, Índia, etc.) do que o observado nos países do Norte (Portugal, França, Estados Unidos, etc.).

Verificamos que se é negável a existência de representações hegemónicas sobre a história universal, também é notória a influência do posicionamento dos grupos nacionais nessa história. Neste estudo, verificamos que os cabo-verdianos atribuem uma grande relevância à sua própria história, no contexto da história universal, à semelhança do que foi observado noutros países.

A influência da globalização é notória, mas será que os laços históricos que unem os países da CPLP também se fazem notar? As referências ao 'espaço lusófono', para além daquelas que envolvem directamente a história de Cabo Verde, são escassas e são todas elas referentes aos PALOP.

No que respeita às emoções que os jovens cabo-verdianos associam às suas memórias da história da humanidade, as guerras são sentidas com *tristeza*, *revolta* e *frustração* e os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 originam *revolta*, *frustração* e *medo*. Em contrapartida, a 'abolição da escravatura' suscita emoções positivas - *orgulho*, *alegria*, *felicidade* - assim como a 'independência de Cabo Verde'.

Os 'descobrimientos portugueses' suscitam emoções positivas ou mistas, sendo que nelas se tem em conta o facto de Cabo Verde integrar tais descobertas. O facto de, na grande maioria das vezes, os cabo-verdianos não associarem, mentalmente, a descoberta das ilhas ao início do percurso colonial em Cabo Verde leva-os a expressar emoções positivas como o *orgulho* quando pensam na descoberta do arquipélago e, por extensão, nos descobrimientos portugueses.

A Tabela 2 apresenta as dez personalidades mundiais mais referidas. Hitler surge como o grande *vilão* da história universal, sendo a personalidade com maior percentagem de evocação espontânea (56,2%) e cujo impacto foi considerado mais negativo (M=1,22), indo ao encontro do que foi observado noutros países (e.g. Liu *et al.*, 2005). Bin Laden surge em segundo lugar (47,11%), também com um impacto muito negativo (M=1,56). À lista dos vilões, juntam-se G. W. Bush (32,23%; M=2,6), Saddam Hussein (19,83%; M=1,4) e Salazar (12,40%; M=1,42). Estes resultados espelham o peso que a Segunda Guerra Mundial ainda tem como 'âncora' para pensar a história universal, mas reflectem também a 'nova ordem universal', baseada no medo do 'terrorismo global', ao qual se associam imediatamente os nomes de Bin Laden, G. W. Bush e Saddam. Por seu turno, a inclusão

de Salazar na lista das dez personalidades com maior impacto na história – impacto que é considerado muito negativo – traduz uma convergência entre os resultados dos jovens cabo-verdianos e dos jovens portugueses (Cabecinhas, 2006), diferindo apenas no lugar que lhe é atribuído no *ranking* das personalidades mundiais: em terceiro lugar para os portugueses e em décimo para os cabo-verdianos.

Amílcar Cabral, fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC) e líder da luta pela libertação nacional, surge em terceiro lugar no *Top 10* das personalidades mundiais, sendo-lhe atribuído um impacto muito positivo (49%; M=6,76). Em quarto e em quinto lugar surgem, respectivamente, Nelson Mandela (35,54%) e João Paulo II (33,88%), ambos com um impacto considerado muito positivo (M=6,68). Bill Gates (18,18%), Martin Luther King (17,39%), Che Guevara (10,74%), Kofi Annan (8,26%), Michael Jackson (7,44%) e Bob Marley (7,44%) são também apontados como tendo um impacto muito positivo na história mundial.

À semelhança dos resultados obtidos noutros países, a maior parte das personalidades referidas são governantes e políticos, sendo também dado grande destaque a personalidades ligadas a questões humanitárias ou religiosas. Tal como se verificou no Brasil, em Portugal e em Timor-Leste, foi atribuída considerável notoriedade a João Paulo II. Os chamados ‘rostos da luta pela libertação’ suscitaram apreciações muito positivas por parte dos jovens cabo-verdianos. A incontornável figura de Amílcar Cabral surge em destaque entre as personalidades consideradas mais influentes na história da humanidade.

Do conjunto das personalidades mundiais evocadas pelos cabo-verdianos, todas as personalidades no *Top10* são homens. As referências a personalidades femininas são escassas, sendo a Madre Teresa de Calcutá a personalidade feminina mais referida (6,6%), seguida pela Princesa Diana (4,1%), tal como se verificou na maior parte dos países em que foram realizados estudos similares. A cantora Cesária Évora foi a terceira personalidade feminina mais referida (2,5%). Tendo em conta que quase metade dos participantes neste estudo são mulheres, este padrão de resultados ilustra a persistência da dominação simbólica masculina (Amâncio, 2003), que se reflecte quer nas respostas dos homens quer nas das mulheres.

Ordem	Personalidade	%	Impacto
1	Hitler	56,20	1,22
2	Bin Laden	47,11	1,56
3	Amílcar Cabral	40,50	6,76
4	Mandela	35,54	6,68
5	João Paulo II	33,88	6,68
6	G W Bush	32,23	2,60
7	Saddam Hussein	19,83	1,40
8	Bill Gates	18,18	6,82
9	Martin Luther King	17,36	7,00
10	Salazar	12,40	1,42

Tabela 2 – Percepções da História Mundial: as personalidades mais referidas

Nota: %=percentagem de evocação espontânea. Escala de impacto: 1= muito negativo; 7 = muito positivo.

Se por um lado os resultados de Cabo Verde reproduzem tendências já observadas noutros países, espelhando assim o peso da globalização, é também evidente o impacto de uma zona de influência clara: os países do Sul. De facto, contrariamente ao que tem sido observado na maior parte dos países europeus, americanos e asiáticos nos quais foram conduzidos estudos similares, os jovens cabo-verdianos invocam um considerável número de personalidades *negras*: Amílcar Cabral,

Nelson Mandela, Martin Luther King figuram no *Top 10* das personalidades mundiais e Kofi Annan, Michael Jackson e Bob Marley surgem em 12º, 14º e 15º, respectivamente.

Estes dados levam-nos a retomar alguns debates ‘geo-sociológicos’ sobre Cabo Verde e a sua população. O facto do arquipélago não se situar no interior do Continente africano, ficando a cerca de 500 km da Costa do Senegal, no cruzamento da rota atlântica que liga África, Europa e América, tem suscitado alguns debates sobre as pertenças sociais, culturais e geográficas (continentais) do país, havendo até poetas que escreveram que o arquipélago não é África, nem Europa, mas simplesmente Cabo Verde. Esta questão geográfica tem sido alimentada por factores de ordem cultural, havendo, frequentemente, escritos na imprensa cabo-verdiana de cidadãos que dizem que os europeus que chegam a Cabo Verde à procura de ‘kandablés’ africanos, ‘mães-santos’ ou ‘safaris’ acabam completamente desiludidos nos primeiros minutos, uma vez que a diferença cultural entre o ponto de chegada e de partida não é muito grande. Quando, em 2005, um movimento de cidadãos portugueses, encabeçado por Mário Soares e Adriano Moreira, lançou, a partir da Sociedade de Geografia de Lisboa, o debate sobre a possibilidade de Cabo Verde vir a integrar a União Europeia, os factores de ordem cultural pesaram fortemente na estrutura argumentativa montada. Inclusive, algumas pessoas de outros países da ‘África Lusófona’ comentam, com frequência, que os cabo-verdianos recusam a sua identidade africana. No entanto, este estudo mostra justamente o contrário: os jovens inquiridos valorizaram muito mais as actividades levadas a cabo pelos africanos e mostraram-se identificados com a realidade africana e o ‘mundo dos negros’. Para além dos actos, também as pessoas e aquilo que elas encarnam e representam são valorizados pelos jovens inquiridos.

Há uma outra questão a salientar nos resultados deste estudo: em comparação com outros países, verifica-se um maior número de referências a artistas, nomeadamente do mundo da música. Esta questão não é difícil de ser compreendida. Cabo Verde é um país circulado por mar, onde as ondas balançam águas até às costas das ilhas. Da mesma forma, a vida dos cabo-verdianos também balança entre morna, coladera, batuque, funaná, mazurka, kolá San Jon, cabo-zouk, finaçon, tabanka e outros ritmos. A música tem um papel importante no dia-a-dia do cabo-verdiano e os ritmos crioulos têm conquistado espaços nos vários contextos sociais da ‘África Lusófona’ e das diásporas africanas.

Para além de uma cumplicidade incondicional dos cabo-verdiano com a música nacional, Cabo Verde é considerado um país de artistas. Na arte cabo-verdiana, a música é uma das variedades que mais adeptos consegue angariar, não só para o consumo, como para a própria produção. Isto, apesar da importância de outras actividades artísticas como a poesia, as narrações prosaicas, a pintura, a cerâmica, entre outras.

Apesar das convergências de resultados obtidos com estudantes cabo-verdianos com os obtidos noutros países, os resultados espelham também o impacto das pertenças identidades nacionais e supranacionais na evocação das personalidades da história universal. Os participantes cabo-verdianos colocaram uma personalidade nacional no *Top10* das personalidades mundiais: Amílcar Cabral (40,5%), herói mártir na luta contra o colonialismo português. Outras personalidades cabo-verdianas são referidas como importantes a nível mundial, como Cesária Évora.

Várias personalidades portuguesas, com ou sem impacto directo na história de Cabo Verde, são também referidas: Salazar, Diogo Gomes, António de Noli, Camões, José Mourinho, etc. É atribuído um impacto positivo a todas as personalidades portuguesas referidas, com a excepção de Salazar, como já tivemos oportunidade de referir. As personalidades oriundas de outras ex-colónias portuguesas obtêm também um considerável número de referências: Agostinho Neto, Nino Vieira, Xanana Gusmão, etc.

Resumindo, apesar do questionário remeter para os últimos mil anos da história universal, verifica-se uma grande saliência das personalidades associadas a acontecimentos recentes,

nomeadamente os que se relacionam com o pós-11 de Setembro – George W. Bush, Bin Laden e Saddam Hussein, sendo a todas atribuído um impacto negativo. As personalidades às quais é atribuído um impacto mais positivo na história da humanidade são as ligadas à promoção dos direitos humanos e outras causas humanitárias – Mandela, Martin Luther King, João Paulo II. Para além destas personalidades, que evidenciam o grande impacto da globalização, os inquiridos destacaram também personalidades cabo-verdianas, sobretudo as ligadas à conquista da independência nacional.

A evocação das personalidades, tal como a dos acontecimentos, também está impregnada de emoções. Aos *vilões* - Hitler, Bin Laden, etc. – são associadas emoções muito negativas: revolta, repulsa e ódio. Aos *heróis* – Nelson Mandela, Amílcar Cabral, etc. – são associadas emoções muito positivas: *admiração, orgulho, gratidão*.

Percepções da História de Cabo Verde

Vamos agora analisar as representações dos jovens cabo-verdianos sobre a história nacional, encarando as representações sociais como elementos fundamentais para a compreensão do comportamento social. Sabemos que esta memória social não é um edifício eterno, dado que apresenta uma certa plasticidade que se realiza em diferentes contextos históricos e sociais.

Dos 10 acontecimentos mais referidos, mais de metade gravitam à volta da dicotomia colonização-autonomia. Como podemos observar na Tabela 3, a independência de Cabo Verde é o acontecimento considerado mais importante na história nacional (83,47%; M= 6,91). Depois de cerca de cinco séculos de subjugação pelo regime colonial português, o povo cabo-verdiano alcançou a sua autonomia política no fim da primeira metade da década de 70, o que torna a data muito importante no estabelecimento de uma fronteira entre o durante e o pós-colonização.

Ordem	Acontecimento	%	Impacto
1	Independência de Cabo Verde	83,47	6,91
2	Democracia - Abertura política	62,81	6,78
3	Descobrimiento de Cabo Verde	46,28	6,52
4	Fome anos 1940	33,88	1,15
5	Morte de Amílcar Cabral	25,62	2,19
6	Campo de concentração Tarrafal	14,88	1,73
7	Descolonização	14,88	6,94
8	Povoamento de Cabo Verde	11,57	6,33
9	Colonização de Cabo Verde	9,92	2,70
10	Erupção vulcão Ilha do Fogo	9,92	1,75

Tabela 3 - Percepções da História de Cabo Verde: os acontecimentos mais referidos

Nota: %=percentagem de evocação espontânea. Escala de impacto: 1= muito negativo; 7 = muito positivo.

Nos países que sofreram a experiência da colonização, as questões relacionadas com a liberdade são geralmente muito importantes para o povo e são consideradas muito sensíveis, pelo que o povo tudo faz para assegurar o exercício da sua liberdade. A memória do passado cria receio no meio dos cidadãos e quando a liberdade humana está em causa haverá sempre uma onda de crítica a favor da sua defesa. Cabo Verde não foge à regra. Os cerca de 500 anos sob a dominação portuguesa tornaram os cabo-verdianos muito receosos nas questões da liberdade, pelo que qualquer atitude que tende a limitar as liberdades humanas no país é sempre amplamente discutido, embora este debate, muitas vezes, decorra sob o obscurantismo político de muitos que não conseguem ler a sociedade fora das cartilhas partidárias.

Os relatórios anuais dos *Repórteres Sem Fronteiras* e da *Freedom House*, instituições internacionais que analisam a liberdade de imprensa, a liberdade económica e outras liberdades humanas no mundo, são amplamente discutidos em Cabo Verde. Muitas vezes, estes relatórios internacionais implicam explicações dos responsáveis políticos, sobretudo quando se regista uma queda acentuada do país no *ranking* mundial em relação ao ano anterior. Quando o país surge mal posicionado na lista mundial das liberdades, a oposição agarra a questão durante vários dias, procurando associar a queda no *ranking* com alguns casos concretos da sociedade cabo-verdiana. Nos anos em que o país aparece bem situado no mapa daqueles que mais respeitam as liberdades humanas no mundo, o Governo procura tirar dividendos políticos da situação, pronunciando sobre a questão, marcando uma agenda nos *media* e, chamando para si, o mérito de contribuir para o aprofundamento da liberdade no país. Isto acontece desta forma porque os próprios políticos têm a consciência que, tendo em conta o passado da luta a favor dos direitos fundamentais, a questão da liberdade 'vende' junto dos eleitores. As respostas dos nossos inquiridos parecem corroborar esta tese.

Como já referimos, o acontecimento considerado mais importante na história de Cabo Verde é a independência e a ele os inquiridos associam emoções muito positivas. Em qualquer situação, sem a independência, não há condições para o exercício da liberdade. Por outro lado, o segundo acontecimento mais escolhidos pelos jovens cabo-verdianos, também provocador de emoções positivas como o *orgulho* e a *alegria*, foi a Democracia/Abertura Política (62,81%; M=6,78), que ficou consolidada com as primeiras eleições livres de 13 de Janeiro de 1991. O dia 13 de Janeiro é referenciado na história do país como o 'Dia da Liberdade'. Esta designação pode provocar alguma apreensão, uma vez que a importância que a independência tem para o país seria suficiente para que não houvesse um dia da liberdade que não fosse 5 de Julho de 1975. Mas, a verdade é que, depois da independência, continuou a haver necessidade de se lutar pela liberdade.

Após a independência, houve um recrudescimento no regime de Partido Único que se instalou logo a seguir, ao ponto de começar a fazer sentido uma nova luta pela liberdade. Os actores políticos de então não conseguiram distanciar-se, o suficiente, do regime anterior, pondo o partido acima do país, no intuito de transformá-lo em 'luz e guia' do povo, na Guiné e em Cabo Verde. Esta visão reflectia-se na própria legislação que se produziu após a independência. Os deputados conceberam a 'Constituição como a expressão do PAIGC (PAICV) e do seu programa', tornando o partido na 'chave da compreensão da (primeira) Constituição cabo-verdiana, o elemento central e determinante de todo o edifício constitucional, e, também, do sistema de governo nele desenhado' (Fonseca, 1990: 64).

Expressamente, o Artigo 1.º da Constituição de 1980 estipula que, em Cabo Verde, o PAICV 'é a força política dirigente da sociedade e do Estado', na base do 'desempenho da sua missão histórica' (Fonseca, 1990: 64). Regista-se, neste discurso, a supremacia do PAICV sobre a República, que, segundo o autor supracitado, resulta numa fórmula política em que o Estado é colocado ao serviço de um partido e dos seus objectivos. Esta situação conduziu a um retrocesso político e o regime que se desenhou, depois da independência (por alguns considerado democracia revolucionária), caminhou-se irremediavelmente para um sistema ditatorial, dando azo para que Silveira (1992) escrevesse *A Tortura em nome do Partido Único*, relatando casos de suplício e atrocidade humana no país. Logo após à abertura política, a obra de Silveira (1992) surgiu como um primeiro balanço analítico sobre os instrumentos usados para o exercício do poder durante o regime do Partido Único, no qual o autor concluiu que, ao longo dos quinze anos de governo, o PAIGC/CV nunca conseguiu instituir uma perspectiva pluralista do Estado e da sociedade, uma vez que a classe dirigente privilegiou a legitimidade histórica, conseguida com base na luta pela libertação, em detrimento do escrutínio público e democrático. Desta forma, generalizaram-se os métodos de governação em que os interesses do partido se impunham sobre os interesses da nação. A repressão

dos chamados 'delitos de opinião' era um dos mecanismos impostos pelo Regime, que abominava todas as correntes filosóficas e políticas que contrariavam os seus princípios e objectivos.

A importância da liberdade para a população inquirida não está reflectida somente na escolha da Independência e da Democracia como os dois acontecimentos com maior impacto na história do país, como também na selecção de outros temas, como a Descolonização (14,88%; M=6,94) que figura em 7ª posição do *Top 10*. A Descolonização está, como é óbvio, intimamente ligada à Independência. Ambos os acontecimentos suscitam nos inquiridos emoções positivas, tais como *alegria, orgulho, gratidão* ou *alívio*.

Ainda relacionados com a questão da liberdade, os inquiridos escolheram o Campo de Concentração do Tarrafal (14,88%; M=1,73), a Morte de Amílcar Cabral (25,62%; M=2,19) e a Colonização de Cabo Verde (9,92%; M=2,70) como grandes acontecimentos da história nacional. Estes acontecimentos, de uma forma ou de outra, relacionam-se com a liberdade, ou com a falta dela, e envolvem não só os cabo-verdianos, como também outros povos do espaço lusófono. O Campo de Concentração do Tarrafal foi a resposta que o Regime de Salazar deu, em 1936, às movimentações políticas, criando 'depósitos humanos' nas zonas consideradas mais agrestes do extenso território português, que englobava as chamadas Províncias Ultramarinas, para o desterro dos presos políticos e sociais. A maioria das pessoas que foram para o Tarrafal era portuguesa. Tanto o Campo de Concentração do Tarrafal como a Colonização representam a ausência da liberdade. A morte de Amílcar Cabral também está relacionada com estas questões e com a própria problemática da liberdade, uma vez que ela aconteceu numa situação muito particular: luta pela conquista da independência e da liberdade. Estes acontecimentos causam, no seio dos nossos inquiridos, sentimentos negativos, tais como a *tristeza, angústia, dor, frustração, indignação* ou *irritação*.

Todos os acontecimentos acima referenciados estão dentro do quadro dos 10 mais citados pelos inquiridos, que integra ainda o Descobrimento de Cabo Verde (46,28%; M=6,52), que surge em terceiro lugar, a Fome dos Anos 40 (33,88%; M=1,15), logo a seguir, o Povoamento das Ilhas de Cabo Verde (11,57%; M=6,33), em oitavo lugar, e a Erupção Vulcânica da Ilha do Fogo (9,92%; M=1,75), fechando a tabela.

Como se pode observar na Tabela 3, o descobrimento tem grande importância para os inquiridos, estando entre os três acontecimentos considerados com maior impacto na História de Cabo Verde. No limite, podemos considerar o descobrimento como a raiz da história de Cabo Verde, uma vez que não há vestígios da presença humana antes do primeiro desembarque português. Assim, este acontecimento figura como ponto de partida na construção da *cabo-verdianidade*. Associado ao descobrimento, também está o povoamento das ilhas. Sabendo que elas foram encontradas desabitadas, o povoamento consta também entre os factos considerados de grande relevância para o país.

Dois outros acontecimentos mais recentes são também considerados muito importantes para a História de Cabo Verde. Um deles é a fome dos anos 40, que, apesar de nenhum dos inquiridos ter uma memória viva do que aquilo tenha sido, a transmissão do conhecimento através da oralidade, de geração em geração, tem mantido, na memória dos cabo-verdianos, a representação daquilo que foram os anos 40. A Europa vivia a II Grande Guerra e as regiões da África sob a sua dependência administrativa sofriam as consequências do conflito bélico. Cabo Verde, dependente de Portugal, atravessava um período de seca crónica. O não envio de alimentos em quantidade suficiente, por parte da metrópole, associado à falta de produção interna, confrontou os cabo-verdianos com a morte e muitos sucumbiram perante o flagelo. O ano de 1947 foi particularmente dramático, ficando na história, na música, na poesia, na tradição oral e na memória colectiva dos cabo-verdianos como um dos períodos mais penosos que o povo das ilhas teve que atravessar.

A erupção vulcânica da Ilha do Fogo, ocorrida em 1995, fecha a tabela dos dez acontecimentos mais referidos. Apesar de não ter havido baixas humanas, o acontecimento, pelo seu aparato, causou grande impacto emocional no seio dos cabo-verdianos e as imagens das lavas queimando culturas e destruindo casas, veiculadas pela televisão nacional, ajudaram a guardar a memória do trágico. Muitas pessoas perderam tudo o que tinham construído até então, contando com a solidariedade dos demais cabo-verdianos e algumas instituições de cariz humanitária. Pensamos que, o facto deste acontecimento ser o mais recente de todos que integram o *Top 10* e o facto dos jovens ainda terem, na memória, as imagens que lhes foram veiculadas pela televisão contribuíram para a sua escolha como um dos episódios que maior impacto tem na história do país. Tanto a fome dos anos 40 como a erupção vulcânica da Ilha do Fogo são acontecimentos sobre os quais os nossos inquiridos manifestaram emoções negativas, como a *indignação*, o *medo*, a *tristeza*.

Embora não figurando no *Top 10* dos acontecimentos nacionais, as questões económicas tiveram também considerável destaque. No 11.º e 12.º lugar, seguindo o *ranking* dos episódios que os inquiridos consideram ser mais marcantes na história cabo-verdiana, estão, respectivamente, o Desenvolvimento/Evolução Económica (9,09%; M=6,4) e a Transição de Cabo Verde para o grupo de Países de Desenvolvimento Médio (8,26%; M=6,63), que está em curso e será concluída em Janeiro de 2008.

Regista-se, na nossa análise, uma predominância dos acontecimentos de natureza política sobre os demais, abrangendo questões como a definição de fronteiras, a conquista da independência, a luta pelo poder, a consagração das liberdades fundamentais, a ocupação territorial e a posição na geografia política e económica do mundo. Porém, distinguem-se alguns cataclismos sociais como a erupção vulcânica, a prisão política e social ou a fome dos anos 40. Os inquiridos dão pouco destaque às questões de natureza cultural, surgindo, apenas e em 14.º lugar, o Movimento Claridade (7,44%; M=6,57) que, em 1936, inaugurou o neo-realismo cabo-verdiano, renovando a estética literária nas ilhas, opondo o colonizado ao colonizador. Por esta razão, é considerado muito positivo pelos nossos inquiridos.

Ordem	Personalidades	%	Impacto
1	Amílcar Cabral	90,08	6,90
2	Pedro Pires	48,76	4,90
3	Cesária Évora	47,11	6,24
4	Carlos Veiga	38,02	5,48
5	Eugénio Tavares	29,75	6,41
6	Aristides Pereira	26,45	5,45
6	Baltazar Lopes	26,45	6,73
8	António Mascarenhas	16,53	6,30
9	Ildo Lobo	15,70	6,28
10	José Maria Neves	14,05	6,21

Tabela 4 - Percepções da História de Cabo Verde: as personalidades mais referidas

Nota: %=percentagem de evocação espontânea. Escala de impacto: 1= muito negativo; 7 = muito positivo.

A Tabela 4 apresenta as personalidades consideradas mais influentes na história de Cabo Verde, colocando em evidência um domínio da classe política sobre as demais, dos homens sobre as mulheres e do presente sobre o passado. Vamos passar agora a desmontar estas observações. No *ranking* das 10 personalidades que lideram o quadro de pessoas com maior influência na história do país, seis pertencem ao mundo da política e quatro ao domínio das artes.

Amílcar Cabral (90,08%), líder histórico da luta em prol da independência na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, é a personalidade que surge no topo da lista, gozando de um grande distância em

relação à figura política que surge em segunda posição: Pedro Pires (48,76%). A escolha das personalidades mais influentes na história de Cabo Verde reproduz, de uma forma aproximada, a escolha que os jovens cabo-verdianos fizeram em termos dos acontecimentos mais marcantes na trajetória histórica do país. Associado à independência, figura a imagem mítica de Amílcar Cabral, personalidade incontornável na História de Cabo Verde, fundador do PAIGC, encetando uma longa batalha política e militar nas matas da Guiné para a libertação dos guineenses e dos cabo-verdianos da subjugação portuguesa. As guerras começaram em 1956, com a fundação do PAIGC, e só se começou a sentir alívio, a partir de 1974, quando os militares fracturaram o regime fascista português a partir do seu coração geográfico. No entanto, no ano anterior, Amílcar Cabral tinha desaparecido de cena, sucumbindo-se a 20 de Janeiro de 1973, em circunstâncias que, até hoje, não são muito claras.

O papel que Cabral desempenhou na história do país é incontornável na memória colectiva cabo-verdiana, pelo menos, para várias gerações de jovens. A seguir a Amílcar Cabral, surge uma outra figura da luta pela libertação: Pedro Pires. Natural da Ilha do Fogo, Pedro Pires também é uma das figuras marcantes na história contemporânea cabo-verdiana. Não só pelo seu papel no combate pela libertação do país, como também os cargos políticos que desempenhou, depois da independência nacional, tornaram-no numa das figuras vivas da luta pela libertação nacional mais conhecidas da actualidade. Curiosamente, o nome de Luís Cabral, o homem que liderou Guiné e Cabo Verde entre 1975 e 1981, foi mencionado apenas por 3,3% dos inquiridos. Este facto decorre da perda de protagonismo político por parte de Luís Cabral, afastado do poder pelo Golpe de Estado engendrado por Nino Vieira, no dia 14 de Novembro de 1980. Para este facto, pesou o papel que Cabo Verde desempenhou durante o período colonial. Tendo acesso à educação, muitos cabo-verdianos puderam colaborar activamente com o poder colonial, supervisionando os trabalhos forçados nas outras colónias e ajudando no poder colonial nas actividades administrativas.

Estas questões vieram criar revolta no seio dos guineenses, estimulando o Golpe de Estado e levando Nino Vieira a afastar todos os dirigentes cabo-verdianos, após ter assumido o Conselho da Revolução. Aqui ficou marcada a ruptura entre os guineenses e os cabo-verdianos, sendo que estes criaram o PAICV e demarcaram-se politicamente da Guiné-Bissau. Esta nova era da política cabo-verdiana fez desaparecer da cena política, e pelos vistos da memória colectiva da camada juvenil, a figura de Luís Cabral, pondo em destaque Pedro Pires e Aristides Pereira. Ambos integram o *Top 10* das personalidades que os jovens consideram ser mais influentes na História de Cabo Verde, sendo que Pedro Pires (48,76%), que foi Primeiro-Ministro entre 1981 e 1991 e é Presidente da República desde 2001, ocupa o segundo lugar, e Aristides Pereira (26,45%), um dos principais rostos do regime de Partido Único, que desempenhou o cargo de Presidente da República entre 1981 e 1991, ocupa o sexto lugar. Ambos tiveram um papel preponderante na política entre 1981 e 1991. Perdendo as eleições em 1991, com a abertura política, Aristides Pereira desapareceu da cena política cabo-verdiana e passou a ser considerado uma figura memorial. Desde então, não desenvolveu actividades que lhe desse grande visibilidade social e política, podendo, eventualmente, captar a atenção dos *media*. Porém, ao Pedro Pires não sucedeu o mesmo. Depois de ter perdido as eleições legislativas de 1991 e de passar 10 anos 'na sombra', o PAICV voltou a apoiar a sua candidatura, desta feita, para o cargo de Presidente da República. As eleições presidenciais de 2001 fizeram com que Pedro Pires voltasse à política activa, estando, desde o início de 2001, a ocupar a cadeira de Presidente da República de Cabo Verde.

Há três outras figuras políticas que estão no Top 10 das personalidades mais influentes da História de Cabo Verde: Carlos Veiga (38,02), António Mascarenhas Monteiro (16,53%) e José Maria Neves (14,05), ocupando respectivamente o 4º, o 8º e o 10º lugares na Tabela 4. Carlos Veiga teve um papel preponderante na configuração política do Movimento para a Democracia (MpD) e desempenhou o cargo de Primeiro-Ministro da República de Cabo Verde entre 1991 e 2000. Apesar

de Carlos Veiga ser um dos advogados mais reputados em Cabo Verde, tendo já desempenhado o cargo de Bastonário da Ordem dos Advogados, é a sua actividade política que o põe em destaque na memória colectiva da sociedade cabo-verdiana. Encarnou a aspiração de transformar Cabo Verde num país moderno, a partir de 1991, ganhou protagonismo e tornou-se num dos políticos mais conhecidos do país.

António Mascarenhas Monteiro também ganhou visibilidade com a abertura política, a partir de 2001, quando derrotou Aristides Pereira na corrida à cadeira de Presidente da República. Ganhou protagonismo e a simpatia do povo, ao ponto de, em 1996, não surgir nenhum candidato para disputar o cargo. Renovou o seu mandato numa eleição em que era o único candidato, afastando-se da política activa a partir de 2001. José Maria Neves, em termos etários, é a personalidade mais jovem da Tabela 4. Com pouco mais de 40 anos, assumiu o cargo de Primeiro-Ministro em 2001, tendo renovado o seu mandato em 2006.

Para além dos actores políticos, a lista das dez personalidades consideradas mais influentes na História de Cabo Verde integra quatro nomes do mundo artístico, dos quais se destaca Cesária Évora (47,11%), astro mundial da morna cabo-verdiana, que surge no terceiro lugar do *Top 10*. De facto, Cesária Évora é uma das personalidades cabo-verdianas mais conhecidas internacionalmente, sendo considerada 'embaixadora' de Cabo Verde no mundo. O impacto atribuído a Cesária Évora denota a importância da arte, e sobretudo da música, na projecção de Cabo Verde no panorama internacional. Sendo um país com pouca produção industrial, com uma fraca Balança de Pagamentos, em que importação supera incontestavelmente a exportação, Cabo Verde tem apostado na 'exportação' das vozes dos seus artistas, que cantam as ilhas pelos quatro cantos do mundo, ajudando a divulgar o arquipélago como um importante destino turístico.

Ildo Lobo (15,70%), outra importante figura da música cabo-verdiana, entretanto desaparecido no final de 2004, ocupa o 9º lugar do *ranking*. Os motivos para a inscrição do nome de Ildo Lobo na lista das figuras mais influentes na História de Cabo Verde são semelhantes aos que motivaram a escolha da Cesária Évora.

Eugénio Tavares (29,75%), no meio da tabela, e Baltasar Lopes (26,45), na sétima posição, são também outras figuras do mundo da arte que surgem em destaque na lista das personalidades que os inquiridos consideraram ser as mais influentes na História de Cabo Verde. Eugénio Tavares foi jornalista, criou jornais para lutar contra o regime colonial, esteve exilado nos Estados Unidos (tendo fundado jornais no seio da comunidade cabo-verdiana no exterior), destacando-se sobretudo no campo das letras (poeta e escritor) e as suas balançadas mornas (também é compositor) ficaram célebres em Cabo Verde. Baltasar Lopes destacou-se sobretudo no domínio das letras, tendo sido um dos fundadores do Movimento Claridade, publicando inúmeros trabalhos literários. De referir tanto Eugénio Tavares como Baltasar Lopes contribuíram para o desenvolvimento e a difusão de um olhar crítico sobre o colonialismo português através das suas obras jornalísticas e literárias (Guimarães, 2006).

A Tabela 4 apresenta-nos um cenário em que a lista das personalidades mais influentes na História de Cabo Verde é dominada pelo sexo masculino. Na lista das 10 pessoas consideradas com maior destaque para o percurso do país, surge apenas uma mulher: Cesária Évora⁴. No total das personalidades evocadas, apenas três são mulheres. Para além do astro da morna, são evocadas Adélcia Pires (4,13%), esposa do actual Presidente da República, e Nácia Gomi (4,13%), nome sonante na música tradicional cabo-verdiana. Portanto, as escassas mulheres que são espontaneamente referidas como grandes personalidades nacionais, exceptuando-se o caso da Cesária Évora, apresentam percentagens de evocação muito baixas. Esta situação, como já tivemos

⁴ O mesmo padrão de resultados foi observado no estudo realizado em Portugal: apenas uma mulher, também ela ligada ao mundo artístico, surgiu no *Top 10* das personalidades nacionais: Amália Rodrigues.

ocasião de referir, reflecte a profunda desigualdade entre sexos, que persiste na estrutura social, não só em Cabo Verde, como na maior parte dos países.

Um olhar atento sobre a Tabela 4 mostra-nos que a contemporaneidade perdura sobre o passado mais distante. Das dez pessoas consideradas mais influentes na História de Cabo Verde, apenas quatro não estão vivos e, mesmo assim, um deles desapareceu há cerca de 3 anos (Ildo Lobo), dois (Amílcar Cabral e Baltasar Lopes) na segunda metade do século passado, e o último (Eugénio Tavares) em 1930. Estes dados mostram-nos que os jovens tendem a recordar as figuras mais recentes, atribuindo-lhe o 'papel principal' na história do país. Fora dos séculos XX e XXI, apenas surgem três nomes: António de Noli (9,92%), Diogo Afonso (7,44%) e Diogo Gomes (6,61%), que ocupam respectivamente a 12.^a, a 13.^a e a 14.^a posição no *ranking*. Estas três personalidades portuguesas estiveram ligadas ao descobrimento das ilhas de Cabo Verde, no século XV. Assim, a lista das personalidades consideradas mais influentes na História de Cabo Verde abrange unicamente portugueses e cabo-verdianos. Os primeiros, deve-se sobretudo ao papel histórico que tiveram na descoberta e na administração do país, através do regime colonial, que só terminou em 1975. Os cabo-verdianos, obviamente, por tudo que fizeram, não só pela libertação do país, como também para a sua construção social, política, cultural, etc.

Nenhum *vilão* entra no *Top 10*: as personalidades que ocupam a lista das dez figuras consideradas mais influentes na História de Cabo Verde são avaliadas positivamente pelos inquiridos. No total das personalidades evocadas, apenas Salazar (4,96%, M=1,00), que ocupa o 17.^o lugar, surge como o grande *vilão* da História de Cabo Verde e o seu impacto é considerado extremamente negativo.

Há muitos outros nomes na lista das pessoas escolhidas pelos jovens cabo-verdianos que, embora não integrando o *Top 10*, as suas influências na sociedade são avaliadas com cotação superior à de Pedro Pires e Aristides Pereira, o que demonstra o peso que o Regime de Partido Único tem na avaliação das actividades política da década de 80 em Cabo Verde. Como já frisámos, o período de Partido Único é considerado como um dos mais obscuros da História de Cabo Verde, uma vez que não garantia muitas liberdades e direitos fundamentais dos cidadãos.

Considerações Finais

O objectivo principal deste trabalho foi analisar as representações de jovens cabo-verdianos sobre a história da humanidade, em geral, e sobre a história de Cabo Verde, em particular. Para além do conteúdo dessas representações investigámos a sua valência afectiva, tendo em conta o impacto percebido e as emoções associadas às personalidades e aos acontecimentos considerados mais marcantes na história da humanidade e na história da nação cabo-verdiana.

No que respeita às representações sobre a história da humanidade, embora os jovens tenham sido chamados a pronunciar-se sobre os últimos mil anos, verificou-se uma grande focalização no passado recente. Os acontecimentos e personalidades evocados reflectem a grande influência do processo de globalização, registando-se consideráveis semelhanças com os resultados obtidos com jovens em outros países da América, Ásia, Europa e Oceânia (Liu *et al.*, 2005, 2007). No entanto, apresentam também elementos únicos que revelam uma visão do mundo construída a partir de múltiplos factores de influência.

Tal como em estudos anteriores, verificou-se uma focalização nos acontecimentos e personalidades com forte impacto emocional, seja ele positivo ou negativo. Os grandes conflitos bélicos que marcaram a história do século XX e os atentados terroristas ocorridos no início do século XXI originaram emoções muito negativas, ao passo que os eventos e as personalidades relacionados com as lutas pela auto-determinação dos povos e a promoção dos direitos humanos desencadearam emoções muito positivas.

Também à semelhança do que foi observado noutros países, os temas predominantes são de natureza bélica e política: guerras, revoluções e terrorismo. No entanto, verificam-se algumas assimetrias: as questões ligadas aos Direitos Humanos (ex: Abolição da Escravatura), às condições socioeconómicas (ex: fome), à saúde pública (ex: HIV/SIDA) e às catástrofes naturais (ex: tsunami asiático) apresentam uma maior preponderância do que o observado nos estudos efectuados na Europa e América do Norte, aproximando-se mais do padrão de resultados observado em Timor Leste (Cf: Cabecinhas, 2006).

Como anteriormente referimos, os resultados obtidos espelham o peso da II Guerra Mundial e do Terrorismo como ‘âncoras’ na visão do mundo, mas também reflectem a enorme influência de uma outra ‘âncora’, que assenta na dicotomia Colonialismo / Pós-colonialismo.

Os cabo-verdianos destacam a ‘abolição da escravatura’ como um dos grandes acontecimentos mundiais, aspecto que também foi salientado pelos jovens brasileiros (Cabecinhas *et al.*, 2006), mas que parece ter sido esquecido pelos portugueses e por outras ex-potências coloniais (Cf: Liu *et al.*, 2005, 2007). Os ‘descobrimientos portugueses’, a ‘descoberta de Cabo Verde’, o ‘fim do colonialismo’ e a ‘independência de Cabo Verde’ foram também mencionados como grandes acontecimentos mundiais, o que demonstra o peso da dicotomia Colonialismo/ Pós-colonialismo na estruturação das memórias históricas dos inquiridos.

No que respeita às representações sobre a história de Cabo Verde, também esta é atravessada pela dicotomia entre o Período Colonial e Período Pós-Colonial. A independência de Cabo Verde é o acontecimento considerado mais importante na história nacional. A ‘independência’, e paralelamente, a ‘descolonização’ são considerados os acontecimentos mais positivos na história cabo-verdiana, suscitando emoções fortemente positivas.

Ao evocarem a ‘colonização’ os participantes cabo-verdianos associam a esse acontecimento, sobretudo, emoções de tonalidade negativa. Apesar de avaliarem a ‘colonização de Cabo Verde’ de forma negativa, os cabo-verdianos avaliam de forma muito positiva o ‘descobrimiento de Cabo Verde’ e o ‘povoamento de Cabo Verde’. Constata-se, assim, uma clara ambivalência em relação da presença portuguesa no território dependendo da ‘âncora’ que é activada no contexto particular: a ‘colonização’ é conotada com a escravatura, a exploração e a privação das liberdades fundamentais, sendo avaliada negativamente, enquanto o ‘descobrimiento’ e o ‘povoamento’ são avaliados positivamente, uma vez que assinalam o início da história da nação cabo-verdiana.

Globalmente, os resultados referentes à história de Cabo Verde demonstram uma focalização no passado colonial e na luta anti-colonial. Subentende-se uma valorização das questões da liberdade, que são transversais a várias temáticas. As primeiras eleições democráticas, em 1991, foram o segundo acontecimento mais referido. O Campo do Concentração do Tarrafal e a Morte de Amílcar Cabral situam-se também entre os dez acontecimentos mais evocados.

Resumindo, regista-se uma predominância dos acontecimentos de natureza política sobre os demais, abrangendo questões como a definição de fronteiras, a conquista da independência, a luta pelo poder, a consagração das liberdades fundamentais, a ocupação territorial e a sua posição na geografia política e económica do mundo. São também destacados alguns cataclismos sociais e naturais, como a erupção vulcânica, a prisão política e a fome dos anos 40.

No que respeita às personalidades, as mais destacadas são os heróis da libertação nacional, os políticos e os artistas. Amílcar Cabral, líder histórico da luta anti-colonial, é de longe a personalidade com maior notoriedade, situando-se no topo da lista a grande distância de Pedro Piões, actual Presidente da República, e de Cesária Évora, estrela internacional da morna, que ocupam respectivamente a segunda e a terceira posição no *ranking*. A escolha das personalidades mais influentes na história de Cabo Verde reproduz, de uma forma aproximada, a escolha dos acontecimentos mais marcantes na trajetória histórica do país. Todas as personalidades cabo-

verdianas referidas apresentam uma valência positiva. Globalmente, os resultados apontam para uma valorização das origens e da cultura africana.

Embora não figurando no *Top 10*, algumas personalidades portuguesas foram evocadas como importantes na história de Cabo Verde. Entre elas encontram-se António de Noli, Diogo Afonso e Diogo Gomes, ligados ao descobrimento e povoamento de Cabo Verde, aos quais é atribuído um impacto positivo. Em contrapartida, António de Oliveira Salazar surge como o grande *vilão* na história de Cabo Verde, sendo a única personalidade à qual é atribuído um impacto negativo.

De um modo geral, os resultados encontrados neste estudo confirmam amplamente aos pressupostos adoptados de que a memória se constrói e se expressa socialmente, sendo um produto das relações sociais dos indivíduos e grupos. Embora tenhamos recolhido dados que nos permitem analisar os padrões de identificação dos participantes com diversos grupos (nacionais, supranacionais, etc.) e averiguar a relação entre os padrões de identificação dos participantes e a vivência emocional das memórias históricas, essa é uma análise que ainda está por fazer.

Como já referimos, neste estudo participaram apenas jovens, cujos dados não podem ser extrapolados para a população em geral. Na interpretação dos dados apresentados não podemos esquecer que estes são o fruto de um determinado momento histórico: os dados foram recolhidos num dado 'espaço' e num dado 'tempo', elementos fundamentais na estruturação das memórias colectivas, como salientou Halbwachs (1950/1997).

Os resultados obtidos em Cabo Verde evidenciam claramente que as memórias históricas possuem elementos de consenso e de conflito, não podendo ser desligadas da estrutura social e do contexto particular em que são activadas.

No que respeita à história universal, as memórias evocadas pelos jovens evidenciam, por um lado, a influência do processo de 'globalização' e, por outro, a influência da 'proximidade', seja ela geográfica, cultural ou linguística. Embora alguns dos resultados obtidos denunciem o peso do imperialismo cultural exercido pelos países economicamente mais desenvolvidos e as assimetrias Centro/Periferia, globalmente os resultados não apontam para uma dependência acrítica.

O padrão de resultados obtidos em Cabo-Verde parece evidenciar algum distanciamento crítico face ao 'velho centro', outrora hegemónico, e a emergência de 'novos centros' e 'outras globalizações' (e.g. Ribeiro, 2006). De um modo geral, o padrão de resultados observado parece coadunar-se com a perspectiva da interdependência assimétrica (e.g., Straubhaar, 2007). Num futuro trabalho, pretendemos explorar esta hipótese, analisando a relação entre os fluxos de informação internacional, a produção noticiosa local e as representações da história. Pretendemos ainda averiguar de forma mais sistemática e o papel das identidades múltiplas na estruturação das memórias históricas.

Referências bibliográficas

- Amâncio, L. (2003). 'Género e assimetria simbólica. O lugar da história na psicologia social'. in M. L. Lima, P. Castro & M. Garrido (eds). *Temas e debates em psicologia social*, pp. 111–124. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction*. Paris: Minuit.
- Cabecinhas, R. (2006). 'Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste' (pp.183-214). In: Martins, M., Sousa, H., & Cabecinhas, R. (Eds.). *Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media*. Porto: Campo das Letras. <http://hdl.handle.net/1822/6166>.
- Cabecinhas, R., Lima, M., & Chaves, A. (2006). 'Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história' (pp.67-92). In: J. Miranda & M. I. João (Eds.) *Identidades Nacionais em Debate*. Oeiras: Celta. <http://hdl.handle.net/1822/6165>.

- Comunidade de Países de língua Portuguesa (1996). *Declaração Constitutiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, 17 de Julho de 1996; www.cplp.org.
- Connerton, P. (1989/1993). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta.
- Cunha, L. (2006). *Memória Social em Campo Maior: Usos e Percursos da Fronteira*. Lisboa: Dom Quixote.
- Évora, S. L. (2006). *A Concentração dos Media e a Liberdade de Imprensa – Uma leitura da percepção dos jornalistas portugueses*. Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação. Braga: Universidade do Minho.
- Ferreira, I. L. (2002). *Transições Políticas em África: Mal-estar no Jornalismo cabo-verdiano. Prestação de contas do Governo aos cidadãos através dos Media, 1991-1998*. Lisboa/Praia: co-edição INDE/ Spleen Edições/África Debate;
- Fonseca, J. C. (1990). *O Sistema de Governo na Constituição Cabo-verdiana*; Lisboa: Edição da Associação Académica da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.
- Foy, C. (1988). *Cape Verde – Politics, economics and society*. London: Printer Publishers.
- Gergen, K. (1994). *Towards transformation in social knowledge*. Londres: SAGE.
- Governo da República de Cabo Verde (2007). 'História'. <http://www.governo.cv>, consultado a 20 de Junho de 2007.
- Governo da República Portuguesa (2005). 'História'. <http://www.portugal.gov.pt>, consultado a 20 de Junho de 2007.
- Galtung, J. (1971), 'A Structural Theory of Imperialism'. *Journal of Peace Research*, 8, 81-117.
- Guimarães, J. M. (2006). *A Difusão do nativismo em África: Cabo Verde e Angola – Séculos XIX e XX*. Lisboa: África Debate.
- Harnecker, M. e Uribe, G. (1975). *Imperialismo e Dependência*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- Halbwachs, M. (1925/1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.
- Halbwachs, M. (1950/1997). *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel.
- Jodelet, D. (1989). Les Représentations sociales: un domaine en expansion. In: D. Jodelet (ed.), *Les représentations Sociales*, Paris, PUF.
- Keane, J. (2002). *A Democracia e os Media*. Lisboa: Temas & Debates;
- Koudawo, F. (2000). *Cabo Verde e Guiné-Bissau – Da democracia revolucionária à Democracia Liberal*; Bissau : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.
- Liu, J.H., & Hilton, D. (2005). How the past weighs on the present: Towards a social psychology of histories. *British Journal of Social Psychology*, 44, 537-556.
- Liu, J.H., Goldstein-Hawes, R., Hilton, D.J., Huang, L.L., Gastardo-Conaco, C., Dresler-Hawke, E., Pittolo, F., Y.-Y., Hong, F., Ward, C., Abraham, S., Kashima, Y., Kashima, E., Ohashi, M., Yuki, M., & Hidaka, Y. (2005). 'Social representation of events in world history across 12 cultures'. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, 171-191.
- Liu, J.H., Paez, D., Slawuta, P., Cabecinhas, R., Techio, E., Kokdemir, D., Sen, R., Vincze, O., Muluk, H., Wang, F., Yat-sen, S., Zlobina, A. (2007). 'Representing World History in the 21st Century: The impact of 9-11, the Iraq War, and the Nation State on Dynamics of Collective Remembering'. Manuscrito não publicado.
- Lopes, J. V. (2002). *Os Bastidores da Independência*. Praia: Spleen Edições.
- Lorenzi-Cioldi, F. (2002). *Les Représentations des groupes dominants et dominés Collections et agrégats*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

- MacBride, S. *et al.* (1980). *Voix Multiples, un Seul Monde*. Paris : Unesco.
- Martins, M. G. (1994). *Relações Internacionais – Reflexões*. Braga: Universidade do Minho – Grupo Académico de Relações Internacionais Económicas de Braga.
- Martins, M. G. (1995). *Relações Internacionais – Política regional*. Sintra: Pedro Ferreira Editor.
- Martins, M.L. (2004). 'Lusofonia e Luso-tropicalismo – Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários'. Conferência inaugural do X Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 28 de Abril a 1 de Maio de 2004. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/1075>.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (1998). The history and actuality of social representations. In U. Flick (Ed.). *The Psychology of the social* (pp. 209-247). Cambridge: Cambridge University Press.
- Oliveira, J. N. (1998). *A Imprensa Cabo-Verdiana, 1820-1975*. Macau: Fundação Macau.
- Querido, C. (2005). *Estabilização Macroeconómica e Financiamento do Desenvolvimento em Cabo Verde*. Lisboa: Edição Instituto Português de apoio ao Desenvolvimento/Centro de Documentação e Informação.
- Ribeiro, G. L. (2006). 'Other Globalizations. Alter-native transnational processes and agents'. Universidade de Brasília.
- Schank, R.C., & Abelson, R.P. (1995). Knowledge and memory: The real story. In R.S. Wyer (Ed.), *Knowledge and Memory: The real story* (pp.1-86). Hillsdale: LEA.
- Silveira, H. (1992). *A Tortura em Nome do Partido Único*. Mindelo: co-edição Terra Nova e Ponto & Vírgula.
- Sousa, H. (2003). 'Informação Internacional – Esboçando Linhas de Fronteira'; Cadernos de Noroeste, Série História, nº 3, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/1593>.
- Straubhaar, J. D. (2007). *World Television. From Global to Local*. London: Sage.
- Tomlinson, J. (1991). *Cultural Imperialism*. Londres: Pinter Publishers.
- Torrão, M. M. F. (1995). 'Rotas comerciais, agentes económicos e meios de pagamento', in *História Geral de Cabo Verde – Volume II*. Lisboa/Praia: co-edição Instituto de Investigação Científica Tropical/Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde.
- Traquina, N. (2004). *O Quarto Equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*; Coimbra: Minerva.
- Vala, J. (2000). 'Representações sociais e Psicologia Social do pensamento quotidiano', in Vala, J. e Monteiro, M.B. (Orgs.) *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (pp. 457-502, 4ª Edição).
- Vieira, F. (2004). *Pour une nouvelle lecture des phénomènes identitaires dans les Etats post-coloniaux – le cas du Cap Vert*. Bourdeaux: Centre d'Etude d'Afrique Noire – Institute d'Etude Politique de Bourdeaux.